



## O ESPÍRITO DA DÁDIVA

The World of the Gift

El Espíritu de la Dádiva

Jeany Castro dos Santos (UFT)\*

Fernanda Rodrigues da Silva (UFT)\*\*

\* Mestranda em Desenvolvimento Regional pela Universidade Federal do Tocantins – UFT (2015). Especialista em Elaboração e Gerenciamento de Projetos Públicos pela Faculdade Albert Einstein (2008). Especialista em Formação de Professores para o Ensino Superior pelo Centro Universitário Luterano de Palmas (2004). Graduada em Sistemas de Informação pelo Centro Universitário Luterano de Palmas (2001). Graduada em Matemática pela Universidade do Tocantins (2005).

E-mail: jeanycastros@gmail.com

\*\* Mestranda em Desenvolvimento Regional pela Universidade Federal do Tocantins – UFT (2015). Bacharel em Administração pela Universidade Federal do Tocantins – UFT e Universidade Federal de Viçosa – UFV por meio do Programa Santander de Mobilidade Acadêmica (2013). Técnica em Secretariado pelo Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia – IFTO (2008).

E-mail: : nanda\_adm@uft.edu.br

### RESUMO

A obra intitulada O espírito da dádiva, do autor Jacques T. Godbout, em colaboração com Alain Caillé, promove uma reflexão quanto à existência da dádiva nas sociedades modernas. Nessa perspectiva, os autores discorrem sobre os diferentes contextos que envolvem a relação social e seus mecanismos de trocas; as modalidades de dádiva, primitiva e moderna; o estranho circuito de ocorrência da dádiva; os limites existentes entre a dádiva e o mercado, as possibilidades do estabelecimento de vínculos infinitos entre

os sujeitos por meio da tríade dar-receber-retribuir e as noções de gratuidade, liberdade e obrigação. Apesar da inerente abstração contida na abordagem da dádiva, a volta a esses valores e princípios ainda representa uma possibilidade para reconstrução da vida social. Endossando esta proposição, a teoria da dádiva compreende um importante mecanismo para explicar a construção dos vínculos sociais, como também propõe uma avaliação crítica relativa aos rumos que as relações sociais contemporâneas têm proporcionado.

**Palavras-chave:** Dar. Receber. Retribuir.

**ABSTRACT**

The book entitled *The World of the Gift* from Jacques T. Godbout in collaboration with Alain Caillé promotes reflection on the existence of The gift in modern societies. In this perspective, the authors discuss the different contexts involving social relation and its trade mechanisms; the arrangements for primitive and modern gift-giving; the strange occurrence of the gift circuit; the boundaries between the gift and the market; the possibilities of establishing endless links between subjects through a “giving-receiving-giving back” triad and notions of gratuity, freedom, and obligation. Despite the inherent abstraction contained in the gift approach, the return to these values and principles is still a possibility for social life reconstruction. Endorsing this proposition, the Theory of the Gift comprises an important mechanism to explain the construction of social linkages and also proposes a critical appraisal on the direction that contemporary social relations have provided.

**Keywords:** Giving. Receiving. Giving back.

**RESUMEN**

El trabajo titulado *El espíritu de la dádiva*, del autor Jacques T. Godbout, quien en colaboración con Alain Caillé, promueven una reflexión sobre la existencia de la dádiva en las sociedades modernas. En esta perspectiva, los autores discuten los diferentes contextos involucrados con las relaciones sociales y de sus mecanismos de cambio; las modalidades para la donación, primitiva y moderna; la extraña aparición del circuito del regalo; los límites entre el don y el mercado, las posibilidades de establecer vínculos entre un sinfín de temas a través de una tríada compuesta por entrega-recepción-regreso y las nociones de libertad, gratuidad y obligación. A pesar de la abstracción inherente contenida en el enfoque de la dádiva, de nuevo a estos valores y principios sigue siendo una posibilidad para la

reconstrucción de la vida social. Haciendo suya esta propuesta, la teoría de la dádiva comprende un mecanismo importante para explicar la construcción de vínculos sociales, pero también con una evaluación crítica sobre la dirección en la que las relaciones sociales contemporáneas han proporcionado.

**Palabras Clave:** Entrega. Recepción. Regreso.

A obra intitulada *O espírito da dádiva*, do autor Jacques T. Godbout, em colaboração com Alain Caillé, levanta dúvida quanto à existência da dádiva na sociedade moderna e, para tanto, elenca os seguintes questionamentos: se a dádiva existe, por que se dá? E dá-se ainda? Em busca destas respostas, o autor elege o egoísmo como sendo a palavra que defini as relações espontâneas. Com as relações mercadológicas, a sociedade foi levada a crer que a felicidade estava condicionada a maximização dos interesses materiais. Apesar dessa relação estar permeada pelo egoísmo, esse não se aplica a todos na mesma proporção, há uma variação de acordo com as relações estabelecidas, como diria José Murilo de Carvalho: “aos amigos tudo aos inimigos a lei” (CARVALHO, 2012, p. 57).

Mas as pessoas sempre foram assim? As sociedades primitivas, descritas por Karl Polanyi em sua obra, *A grande transformação*, demonstram que o trabalho era realizado em benefício do bem comum e o resultado desse esforço se constituía em benefício de todos e, ainda, em prestígio social (POLANIY, 2012).

Afinal, de que sociedade moderna o autor está se referindo? Dos que trabalham em prol do bem comum ou dos que depositam todo seu esforço para alcançar objetivos pessoais? Para Godbout (1999, p. 12), “o utilitarismo, o marxismo, o estruturalismo são muito tristes e desanimadores”. Não seria mais interessante que todos fossem beneficiados e ainda assim pudessem obter status social? Em resposta às dúvidas levantadas pelo autor no início de sua problematização analisa-se ser esta uma realidade “o universo da dádiva requer o implícito

e o não-dito” Godbout (1999, p.13) e, a mesma só acontece e pode ser percebida por meio do vínculo social que ocorre normalmente entre três grupos: as pessoas com as quais se deseja relacionar, as que são suportadas e por último aquelas que não se deseja relacionar, portanto para o autor “dáviva serve, antes de mais nada, para estabelecer relações e uma relação sem esperança de retorno (por parte daquele a quem damos ou de outra pessoa que o venha a substituir), uma relação de sentido único, gratuita nesse sentido e sem motivo, não seria uma relação” (GODBOUT, 1999, p 16).

Godbout por meio dessa obra explana que a dáviva ainda existe para as pessoas pelas quais se deseja relacionar. Essa busca por relacionamentos pode se dar de três formas: criar, recriar e manter o vínculo social que pode acontecer por meio de bens e serviços cujo valor financeiro não é contabilizado e que necessariamente resultam em uma obrigação desobrigada, baseada na convivência entre as pessoas, “é assim que nos expomos não só a obrigar como a nos tonar obrigados”(GODBOUT, 1999, p. 21). Pode parecer um contrassenso, quando o autor expõe na sequência que a dáviva não é gratuita, no entanto, essa afirmativa se dá em virtude da mesma necessitar da reciprocidade para se constituir “assim, ou a obrigação de retribuir é assumida, e então se estabelece um círculo de relações de pessoa a pessoa, dentro do qual os bens alimentam a ligação, ou é recusada através de uma contradáviva monetária imediata” (GODBOUT, 1999, p. 19).

Como bem demonstrou Godbout (1999, p. 24), “a dáviva forma um sistema que constitui a trama das relações sociais interpessoais”. Quando uma tentativa de aproximação é negada, duas atitudes podem ser adotadas: tentar novamente ou finalizar as tentativas em valor de outros relacionamentos, passando pelos contatos de amizade, camaradagem ou de vizinhança, em que a relação não se constitua por meio das relações mercadológicas.

Para aprofundar tais abordagens, o autor

utiliza-se de uma subdivisão da obra. Na primeira parte, intitulada “os lugares da dáviva”, formada pelos capítulos de 1 a 6, o autor procurou identificar a dáviva em diferentes contextos que envolvem a relação social, uma vez que ela tem como prerrogativa os vínculos sociais. No que se refere aos vínculos, o autor elucida os aspectos que motivam as pessoas a se relacionarem mutuamente, bem como as motivações que os levam a adotarem atitudes de reciprocidade.

Na esfera doméstica, o autor elenca a relação entre camaradas, amigos e familiares, os dois primeiros compreendem as escolhas do indivíduo, o mesmo não acontece na família, uma vez que independe de sua escolha. Outra proposta do autor foi eleger três promotores das relações sociais: Estado, mercado e dáviva. Considerando que os três assumem papéis centrais na vida em sociedade e em alguma medida são responsáveis por proporcionar o bem-estar entre as pessoas. O que difere entre os três são as concepções de valores.

Enquanto o mercado se constitui nas relações institucionais e o relacionamento se dá mediante a retribuição financeira, o Estado visa promover a igualdade, solidariedade e redistribuição por meio de intermediários em uma relação institucional formalizada. Já a dáviva por sua vez se distingue do mercado e do estado na sua essência, uma vez que seus princípios são permeados pela afinidade, ligações privilegiadas e relações personalizadas, que não apenas a caracteriza por definição nas relações pessoais, como também pela responsabilidade dos vínculos. O autor apresenta situações em que poderia ser problematizada a presença da dáviva, são elas: doação de sangue e órgãos, grupos como os alcoólicos anônimos, as empresas e o mercado da arte composto pelo artista, a obra e o amador de arte, comumente denominado de cliente. Nos vários contextos explorados foram elencadas as seguintes tipologias de dáviva, são elas: dáviva unilateral, dáviva desconhecida, dáviva moderna, dáviva primitiva e dáviva recebida.

O intuito do autor foi, portanto, elucidar

a essência da dádiva, para tanto a definiu como sendo o ciclo dar-receber-retribuir, bem como diferenciou-a de outros atos. O universo da dádiva compreende o ato de perder para ganhar, não se dá apenas para receber, mas essencialmente para que o outro se permita dá, nas palavras do autor: “como é que se pode ao mesmo tempo querer um fim (receber) e usar normalmente de um meio para atingir o fim (dar), e ao mesmo tempo não considerar que se trata de um meio, sendo esta a condição para alcançar o fim” (GODBOUT, 1999, p.119).

Na parte seguinte, o autor aprofunda sua discussão por meio da explanação “da dádiva primitiva a dádiva moderna”, formada pelos capítulos de 7 a 10, apresentando diversas contribuições teóricas para fundamentar e contrapor estas duas modalidades de dádivas. Godbout (1999, p. 124) infere que “as sociedades primitivas e tradicionais tenham optado pela prudência, preferindo tornar a espontaneidade a mais obrigatória possível e reconhecer, detalhar e nomear seus mais recônditos meandros”.

No intuito de fundamentar suas proposições, o autor utiliza-se de exemplos da dádiva primitiva, o potlatch dos índios do noroeste americano; a kula enquanto dádiva circular e os Argonautes do pacífico ocidental. Tais exemplos levam o autor à seguinte proposição “a moeda primitiva não mede o valor das coisas, e sim das pessoas [...] A moeda primitiva representa a cristalização das pessoas nas sociedades que não conhecem indivíduos, mas onde só existem pessoas [...]” (GODBOUT, 1999, p.138-140). Na diferenciação entre tais dádivas fica claro que “os homens das sociedades primitivas não trocam, mas dão” (GODBOUT, 1999, p.148). O cerne desta distinção é abordado no capítulo 8. Godbout utiliza-se das contribuições de M. Mauss (1966, p.272) e cita um de seus célebres pensamentos: “o homem foi, durante muito tempo, outras coisas, e não faz muito tempo que ele é uma máquina, acrescido de uma máquina de calcular”.

Na parte subsequente da obra, o autor finaliza sua proposta com foco no “estranho

circuito da dádiva”, formado pelos capítulos 11 e 12, no qual estabelece, inicialmente, os limites entre a dádiva e o mercado. Para o autor “a dádiva conserva o vestígio dos relacionamentos anteriores, para além da transação imediata. Ela tem memória, ao contrário do mercado, que só conserva do passado o preço, memória do vínculo entre as coisas, e não do vínculo entre as pessoas” (GODBOUT, 1999, p.148). Apesar dessa máxima, tanto o mercado quanto o Estado são promotores da circulação das coisas entre estranhos, mecanismo importante no estabelecimento do vínculo entre as pessoas e premissa básica para manutenção do estranho circuito da dádiva. Assim, o autor finaliza o seu texto com a seguinte frase: “A grande luz do ‘ser absoluto’ clareia e penetra cada pérola, que reflete não apenas a luz de todas as outras pérolas da rede, mas também o reflexo de cada um dos reflexos do universo” (GODBOUT, 1999, p.235).

A teoria da dádiva, conforme apresentada na obra, propõe um estabelecimento de um vínculo infinito entre os sujeitos por meio da tríade dar-receber-retribuir. Apesar da inerente abstração contida na abordagem da dádiva, até mesmo considerada messiânica, a volta a esses valores e princípios ainda representa uma possibilidade para reconstrução da vida social. Endossando esta proposição, a teoria da dádiva compreende um importante mecanismo para explicar a construção dos vínculos sociais, como também propõe uma avaliação crítica relativa aos rumos que as relações sociais contemporâneas têm proporcionado.

## REFERÊNCIAS

CARVALHO, J. M. **Cidadania no Brasil: o longo caminho**. – 10ª Ed. – Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008. 236 p.

GODBOUT, Jacques; CAILLÉ, Alain. **O espírito da dádiva**. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1999. 272 p.

MAUSS, Marcel. **Essaisurledon, forme et raison de l'échangedanslessociétésarchaïques.** [1950]. In: Sociologieetanthropologie. Paris, PressesUniversitaires de France, 1966. P. 145-79.

POLANYI, K. **A grande transformação: as origens da nossa época.** Revisão Técnica: Ricardo Benzaquen de Araújo. - 2 ed. - Rio de Janeiro: Elsevier, 2012. 330 p.